

EDITAR “O IDEAL DA BELEZA E DO CARÁCTER” EM PORTUGAL: A COLECCÃO AZUL DA ROMANO TORRES

PUBLISHING “THE IDEAL OF BEAUTY AND CHARACTER” IN PORTUGAL: THE COLECCÃO AZUL BY ROMANO TORRES

“EL IDEAL DE BELLEZA Y CARÁCTER” EN PORTUGAL: LA COLECCÃO AZUL DE ROMANO TORRES

Nuno Medeiros

■ Nuno Medeiros é professor no Programa em Cultura e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e docente da área de Literaturas, Artes e Culturas e do Departamento de História.

■ *Nuno Medeiros es profesor en el Programa de Cultura y Comunicación de la Facultad de Letras de la Universidad de Lisboa y profesor en el área de Literaturas, Artes y Culturas y en el Departamento de Historia.*

■ E-mail: nmedeiros@letras.ulisboa.pt

■ Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5350-4294>

25



RESUMO

Nos anos 1930, a editora portuguesa Romano Torres, pela mão do seu editor mais relevante, Carlos Bregante Torres, iniciou a publicação da Coleção Azul, de literatura categorizada como sentimental, destinada sobretudo a um público feminino. Os livros eram na sua larga maioria de origem francesa, com duas autoras como figuras principais: Max du Veuzit e Magali. Tendo sido a série de livros que maior sucesso conheceu na história da Romano Torres, a Coleção Azul foi das que mais importância teve no catálogo da editora e foi seguramente a que mais influenciou a sua saúde financeira.

PALAVRAS-CHAVE: EDITORA ROMANO TORRES; COLECÇÃO AZUL; LITERATURA SENTIMENTAL; PORTUGAL.

ABSTRACT

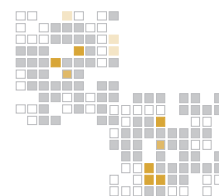
In the 1930s, the Portuguese publishing house Romano Torres, under the leadership of its most important publisher, Carlos Bregante Torres, introduced the Coleção Azul [Blue Collection] of literature categorized as romantic, aimed above all at a female audience. The books were primarily of French origin, with two authors as the leading figures: Max du Veuzit and Magali. As the most successful book series in Romano Torres' history, the Coleção Azul was one of the most important in the publisher's catalogue and was undoubtedly the one that most influenced its financial health.

KEY WORDS: ROMANO TORRES PUBLISHING HOUSE; COLECÇÃO AZUL; ROMANTIC FICTION; PORTUGAL.

RESUMEN

En la década de 1930, la editorial portuguesa Romano Torres, de la mano de su editor más importante, Carlos Bregante Torres, comenzó a publicar la Coleção Azul [Colección Azul], de literatura catalogada como sentimental, dirigida sobre todo a un público femenino. Los libros eran en su mayoría de origen francés, con dos autores como figuras principales: Max du Veuzit y Magali. Al haber sido la serie de libros de mayor éxito en la historia de Romano Torres, la Coleção Azul fue una de las más importantes del catálogo de la editorial y, sin duda, la que más influyó en su salud financiera.

PALABRAS CLAVE: EDITORA ROMANO TORRES; COLECÇÃO AZUL; NOVELA SENTIMENTAL; PORTUGAL.



1. Carlos Bregante Torres e a lógica editorial da colecção

Iniciado na transição da primeira para a segunda década do século XX, o longo e marcante consulado de Carlos Bregante Torres enquanto timoneiro da editora fundada em Lisboa pelo pai, João Romano Torres, em 1885/86, vai pautar-se, de modo mais evidente nos primeiros tempos pela busca de um fôlego renovador na produção e comercialização de livros. As inclinações de Carlos Bregante Torres enquanto editor para um certo refrescamento e até, em certo sentido, para algum experimentalismo no quadro das alterações que soube transportar para o catálogo da editora Romano Torres, resultam numa mudança de rumo acima das outras transformações: a opção pela edição de títulos quase exclusivamente inseridos em colecções.

De meados dos anos 1930 para a frente, só em poucos casos, muito poucos casos, a produção da editora se traduz em livros fora de colecção. A partir deste momento, a lógica editorial suportada em colecções aprofunda-se e estabiliza-se como eixo de estruturação do catálogo da empresa. A adopção definitiva da colecção como base privilegiada de edificação da actividade de publicar fundamenta-se como lógica editorial de territorialização cultural de um catálogo, aferível pelo estabelecimento de espaços diferenciados de conjuntos de livros formando unidades coerentes – mas não necessariamente homogéneas – internamente. O editor propõe uma geografia no seio das obras que publica, dividindo-as por conjuntos concebidos para lhes emprestar identidade colectiva. Segmenta-se assim a oferta editorial, erigindo-se simultaneamente um itinerário que organiza ou reorganiza uma ordem para o campo e para o mercado, diminuindo ou eliminando a multiplicação do título avulso.

A colecção como premissa do labor editorial

penetrará, portanto, como vaga quase hegemónica na actividade da Romano Torres, obedecendo a projectos planeados ou construídos de modo a constituírem-se sem grandes contrariedades. É ainda no decénio de 1930 que se assistirá ao nascimento da colecção que, a par da Colecção Manecas (de literatura para crianças) (Medeiros, 2021) ou da Colecção Salgari (literatura de aventuras) (Medeiros, 2014) ou ainda de algumas séries em torno do romance histórico e da biografia de personagens da história portuguesa, mais se cravou na identidade da Romano Torres e que mais influência teve na sua actividade comercial e nos seus resultados financeiros: a Colecção Azul. Apesar de se terem verificado em Portugal colecções ou séries noutras editoras com nome análogo,¹ o título da nova colecção editada pela Romano Torres inspira-se explicitamente na colecção *Les Romans Bleus* e na sua antecessora *Collection Bleue*, subtitulada “*Bibliothèque pour les jeunes filles*” (Letourneux; Mollier, 2011), séries publicadas pela editora francesa *Librarie Tallandier* (a partir, respectivamente, de 1930 e 1913), que será a grande fornecedora de títulos para o novo empreendimento da editora portuguesa. Durante décadas, as capas dos livros da Colecção Azul ostentaram uma imagem minimalista em que o tom azul claro dominava, sendo interrompido apenas pelas palavras relativas à editora, título da obra e nome da autora, sempre num azul escuro mais vincado, sem quaisquer desenhos, figuras ou fotografias. A Colecção Azul nasce no decurso da publicação de um conjunto de títulos das escritoras Max du Veuzit e Magali, que formavam dois conjuntos a que inicialmente a Romano Torres apôs o nome de *Obras de Max du Veuzit* e *Obras de Magali*.

¹ Casos da Livraria Civilização Editora (Porto), com a Série Azul da Colecção Civilização, nos anos 1930, e da Casa do Livro Editora (Lisboa), com a Colecção Azul, entre 1941 e 1981.



2. A literatura sentimental como aposta e a estratégia francesa da Romano Torres

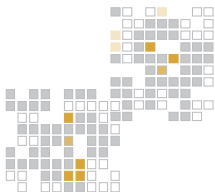
A gênese da Coleção Azul situa-se provavelmente em 4 de Outubro de 1934, na missiva remetida pela Romano Torres à Librairie Tallandier, de Paris. Nesta carta, a editora portuguesa procura saber junto da congénere francesa acerca da disponibilidade dos direitos de tradução para a língua portuguesa (incluindo o Brasil) de uma das suas autoras, Max du Veuzit. À semelhança do que sucedia com várias autoras contemporâneas e, com particular acuidade no género da literatura sentimental, o nome Max du Veuzit era um pseudónimo. Pertencia à escritora Alphonsine Simonet, nascida Vavasseur-Acher em 1886 e falecida em 1952. Era mãe da igualmente escritora Claire du Veuzit, aliás, Henri Schieving-Simonet, num interessante exemplo de pseudonímia passada filialmente. Max du Veuzit representou o ápice dos autores editados pela Romano Torres, sendo a autora mais vendida da história registada da casa, a par de Emilio Salgari, tendo mesmo sido a que mais reedições conheceu.

Max du Veuzit integra uma vaga de escritoras francesas especializadas no romance sentimental, que substitui a geração anterior. Juntamente com Magali e Delly, formará o triunvirato mais representativo do romance sentimental francês com que abre o século XX (Olivier-Martin, 1980; Compère, 2011; Letourneux; Mollier, 2011), dominando este género em múltiplas reedições dentro e fora de França (remanescendo excêntricas, no entanto, a mercados centrais como o anglo-saxónico, povoado por colecções com várias semelhanças com as – mas também com diferenças relativamente às – séries francesas, de que um dos exemplos mais salientes foram as edições da britânica Mills & Boon) (Dixon, 1999; Kamblé, 2014) até, pelo menos, aos anos 1980, com a afirmação dos romances de Barbara Cartland e o fenómeno internacional da colecção

Harlequin, com os seus avassaladores recordes de vendas (Grescoe, 1996; Garcia, 1998; Darbyshire, 2000; Regis, 2003).

Emergindo através de editoras como a Librairie Tallandier, a Ferenczi ou a Fayard, esta literatura é maioritariamente escrita por mulheres, assumindo as mulheres, jovens e adultas, como suas destinatárias preferenciais, senão exclusivas. Toma forma como contraponto à erupção do feminismo e dos movimentos centrados nas reivindicações de direitos políticos, económicos e sexuais para a mulher. Face à incerteza do tempo, com as transformações culturais e estéticas associadas às convulsões sociais e políticas experimentadas nas primeiras décadas de 1900, o apelo ao sonho e à simplicidade de uma história em torno de desencontros, intrigas e encontros amorosos parece em contra-corrente, embora se apresente como um refúgio capaz de projectar camadas crescentes de leitoras – fruto justamente da continuação e aceleração dos processos de transformação social, política e económica – para cenários de sonho e idílio. Refira-se, porém, que a designada literatura sentimental, cujas personalidades mais marcantes são precisamente Max du Veuzit, Magali e Delly, quando sujeita a análise mais minuciosa e próxima dos próprios textos, não é facilmente traduzível num agregado homogéneo e linear de modelos. As várias escritas de que se compõe esta vaga não só confirmam a falta de homogeneidade da dita vaga, como aprofundam a ideia de que a narrativa sentimental constitui nas suas múltiplas categorias e características o que Luigi Destieri (2009) denomina galáxia, tornando este género insusceptível de ser reduzido a poucos traços.

Esta nova literatura sentimental é uma de várias expressões novecentistas da linhagem mais antiga da narrativa em torno de dois protagonistas que, formando um casal, superam obstáculos e a acção de oponentes, desencontrando-se e reencontrando-se com o



apoio de adjuvantes até ao desenlace: a união final ou a infelicidade (Constans, 1999). Mas é também uma metamorfose progressiva do romance de costumes em que o amor é apenas um dos ingredientes, raramente o principal ou único, de que o designado romance de (ou da) vítima constituiria a face mais evidente e aquela que soube penetrar no século XX, apesar de se tratar de um género sem lastro perdurável na Romano Torres. Max du Veuzit e Magali emergem como personagens magnas desta transformação, encostando-se ao seu lado mais laico e, de certo modo, mais respeitável. Elas significarão para a Romano Torres o distanciamento relativamente ao – mesmo o corte com o – modelo serial e com o estilo das obras como as de Oscar Vaudin e de Jorge Merovell (Medeiros, 2023), que a editora dera à estampa na década de 1920 e nos três primeiros anos da década de 1930, nas quais a narrativa entretecia o amor impossível ou desconstruído com o mistério e até o crime num torvelinho que se arrastava por vários volumes dos quais o tom aventuroso não estava ausente. Estes autores e os seus volumes foram, todavia, essenciais à mudança de género que a Romano Torres agora procurava, constituindo-se como pontos de exploração e contacto com o público, ou com a sua formação, sem os quais o editor não teria podido construir a experiência e a sensibilidade editorial de que careceu a vontade de editar a Coleção Azul. Ilustra-se, assim, a actuação editorial sobre um género e os seus leitores, forjada na “tensão constante entre variação incessante das formas operada por epígonos mais ou menos dotados e séries de reformulações aplicadas por influência de certos autores, de certos suportes ou do contexto editorial” (Letourneux; Mollier, 2011, p. 347). A este propósito, Matthieu Letourneux e Jean-Yves Mollier (2011, p. 348) referem os “paradoxos de uma literatura popular que, ao alimentar-se interminavelmente de formas anteriores, não

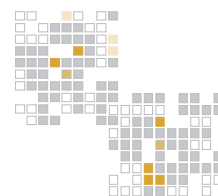
cessa de se transformar e de se reinventar”.

A Romano Torres aponta baterias à escritora francesa como primeira autora da vaga de novos livros de timbre sentimental que a editora se prepara para encetar, abraçando definitivamente o género em detrimento da literatura mais melodramática e dos romances de vítima, que terão ocupado apenas, de resto, um lugar bem menos central nas suas opções de catálogo do que sucedeu, por exemplo, com a produção editorial de Henrique Torres. E Max du Veuzit é primeira autora não apenas porque foi quem a Romano Torres começou a editar em primeiro lugar, mas sobretudo porque será o nome de cartaz mais importante e um dos mais representados de todos quantos terão títulos publicados na Coleção Azul. Em Outubro de 1934 a editora portuguesa propõe à Librairie Tallandier a aquisição dos direitos de tradução e edição para o espaço da língua portuguesa – compreendendo o Brasil – de três livros da autora. Esses três títulos constituiriam um laboratório que permitisse à Romano Torres perceber qual a sua recepção pelo público português. Para Carlos Bregante Torres a estratégia aquando do lançamento de um autor desconhecido do mercado livreiro português é lançar não apenas um livro, mas três, “permitir que o público, através da sua leitura, julgue o mérito do autor e se habitue e aprecie a sua forma de escrever.”² Assim, se “se estas obras agradarem ao público, de modo a fazer-nos materialmente sentir a sua boa vontade, estamos dispostos a aceitar as obras completas de Max du Veuzit para formar uma coleção.”³

O anseio é o da publicação em série de uma escritora nova para os leitores de língua portuguesa, mas cujo sucesso comercial noutras

2 Carta de 31 de Outubro de 1934 de Carlos Bregante Torres para a Librairie Tallandier, p. 1 (Arquivo Histórico Romano Torres, Biblioteca Nacional de Portugal). Em francês no original.

3 Id., Ibid., p. 2.



paragens certamente o editor não desconhecia. E este intuito só faz sentido se a Romano Torres lograr ter sucesso em três aspectos cruciais da negociação. Primeiro, perceber, tendo editado experimentalmente vários volumes da escritora, se o mercado interno dá o acolhimento esperado aos livros, já que disponibilizar apenas um ou mesmo dois títulos não seria suficiente para aferir da afeição do público à autora. Segundo, poder dispor dos direitos de tradução e edição da totalidade da obra em exclusividade. A Librairie Tallandier é, então, directamente interpelada por Carlos Bregante Torres, que indaga se as obras de Max du Veuzit já publicadas em folhetins em jornais portugueses possuem os direitos livres para edição em livro, “porque se já os vendeu, seremos obrigados a deixar de pensar em formar uma coleção das obras de Max du Veuzit.”⁴ E, por último, garantir a aquisição de direitos não apenas para o diminuto mercado português, mas essencialmente para o espaço maior da língua portuguesa, o que inevitavelmente compreenderia o mercado do livro no Brasil em regime de exclusividade.

Carlos Bregante Torres é um editor experiente e conhecedor do espaço social de leitura e de compra de livros em que se movimenta. Por esta altura está profundamente familiarizado com as dinâmicas do mercado e com as particularidades da actividade de editar livros. Longe vão os tempos do teste editorial de um autor – amiúde já com alguns créditos firmados, mas nem sempre – ou de um título aplicados somente a partir da publicação em fascículos e só depois em volumes acabados. Tendo-se afastado paulatinamente do modelo da publicação em parcelas e através de assinatura, o editor lidava agora com o risco inerente ao ofício recorrendo à garantia negociada de condições para experimentar um autor novo ou iniciar uma nova colecção, com novos títulos.

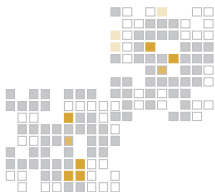
3. Génesis e afirmação da Colecção Azul: Max du Veuzit e Magali como figuras de proa

Se nesta linha literária de extracção francesa há um triunvirato que reina sobre os restantes, o nome normalmente mais propalado deste trio autoral não é Max du Veuzit, mas Delly, pseudónimo único de dois irmãos que escreveram a duas mãos, Marie e Frédéric Petitjean de la Rosière. Delly é a grande concorrente de Max du Veuzit nos recordes de vendas e reedições (Martin, 1980), sendo igualmente a ausência mais sonante da Colecção Azul, nunca chegando a alojar qualquer título no catálogo da Romano Torres. É apenas em 1937, três anos depois do primeiro contacto com a Librairie Tallandier, e já com a Colecção Azul bem firmada essencialmente com obras de Max du Veuzit e de Magali, que Carlos Bregante Torres procura saber junto da Librairie Tallandier se os direitos das obras de Delly estão livres para a língua portuguesa. Os irmãos Petitjean de la Rosière, então os únicos proprietários dos direitos de tradução das suas obras, respondem directamente à editora portuguesa, que por sua vez informa a congénere francesa de que algumas das obras de Delly têm os direitos livres para Portugal, mas não para o Brasil, onde está editada por colegas brasileiros. Segundo a Romano Torres, as edições brasileiras de Delly já se encontrariam à venda em Portugal (e nas então colónias portuguesas). Com o mercado brasileiro vedado e enfrentando a concorrência das vendas de livros de Delly no mercado interno,⁵ a Romano Torres não tem interesse na edição das suas obras, afirmando justamente isso à Librairie Tallandier.

Max du Veuzit é, por isso, simultaneamente a autora pioneira e a mais importante na estratégia

⁵ Em 1937 e 1938 já circulavam em Portugal livros de Delly publicados por outras editoras, como a Livraria Civilização, a A. Figueirinhas, a Livraria Educação Nacional, a Livraria Escolar Progredior ou a Minerva.

⁴ Id., *Ibid.*, p. 2.



editorial de renovação que a Coleção Azul representará no âmbito do romance sentimental para a Romano Torres. Os três títulos escolhidos pela editora para iniciar a publicação das obras da escritora são *Mon Mari*, *Vers l'Unique* e *Mariage Doré*. Seleccionados em Dezembro de 1934 os volumes que inaugurarão a série, a Romano Torres toma outra decisão de capital importância para o futuro da Coleção Azul: fixa um valor para a venda dos livros mais baixo do que o que ocorre com os volumes vendidos em França. Em Portugal a intenção é disponibilizar estes títulos a 10\$00 escudos (cerca de 6,50 francos franceses), enquanto em França cada obra é vendida ao público a 12,00 francos franceses (aproximadamente 17\$70). Os primeiros livros são, assim, vendidos a 10\$00, em edições brochadas. Pouco tempo depois são postas a circular edições cartonadas a 15\$00.

Em 1935 é publicado *Meu Marido*, o volume que dá início à Coleção Azul, então ainda sem essa designação e formada apenas pelas obras de Max du Veuzit. O livro é um êxito editorial, saindo uma nova edição logo em 1936. Como em muitos outros casos desta colecção (que foi a maior fonte de *best-sellers* da editora), as reedições sucedem-se, o que haverá de repetir-se não poucas vezes com muitos outros livros da Coleção Azul, sobretudo de Max du Veuzit e de Magali. A terceira edição de *Meu Marido* é de 1940, a quarta, de 1946, a quinta sai em 1951, a sexta é de 1958, surgindo a sétima e a oitava já nos anos 1970: 1971 e 1977, respectivamente, acompanhando a produção da Romano Torres até perto do seu ocaso, no final da década de 1980. O sucesso editorial não é apenas imediato, manifestando igualmente capacidade de perdurar, emblematizando a definição de *best-seller* e conjugando comportamentos de sucesso popular de curto prazo com processos de venda de longa duração (Escarpit, 1969; Escarpit, 1970).

A primeira edição de *Meu Marido* possui um

prefácio de Pedro Belloni, traduzido da edição francesa, através do qual Carlos Bregante Torres pretende familiarizar o leitor com a nova escritora que lhe é apresentada, sublinhando a novidade do nome literário que a Romano Torres conferia a Max du Veuzit como sua editora pioneira no espaço da língua portuguesa, acrescentando-se editorialmente uma nota de rodapé ao texto original do prefácio quando este refere que *Meu Marido* foi reproduzido “vezes sem conta em folhetins” (Belloni, [1935], p. IX). Nessa nota explica-se ao leitor português que o romance que tem nas mãos “não foi publicado em folhetins em jornais portugueses ou brasileiros” (nota da editora a Belloni, [1935], p. IX). Nas edições seguintes este prefácio é eliminado, considerando-se o seu efeito supérfluo, dada a sedimentação do contacto do público leitor de língua portuguesa com a obra de Max du Veuzit. A autora, contudo, não era lida apenas nos livros dados à estampa pela Romano Torres. Quando em Dezembro de 1935 a editora portuguesa procura negociar a compra de direitos de tradução e edição de *Un Mari de Premier Choix*, *La Chataigneraie*, *Petite Contesse*, *Fille de Prince* e *L'Automate*, defende um abaixamento do preço dos três primeiros em virtude de já terem saído em folhetim em Portugal no jornal *O Século*.

Carlos Bregante Torres não deixa os seus créditos em mãos alheias e protege-se. Se o objectivo é garantir a exclusividade da edição em livro da obra de Max du Veuzit em língua portuguesa, não basta negociar essa condição com a editora que lhe edita a produção literária (e, mais tarde, directamente com a própria escritora). Há que cobrir a exclusividade no espaço nacional, mesmo para os títulos que já circulavam em folhetim, já que o pioneirismo da introdução da autora à leitura dos portugueses coubera à Sociedade Nacional de Tipografia, editora de *O Século*. Entre Maio e Junho de 1935 são acordados os termos da cedência das



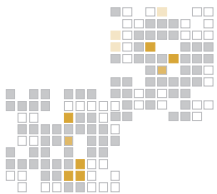
traduções dos romances de Max du Veuzit já publicados em folhetim nas páginas do jornal. Em Julho de 1935 a Romano Torres adquire à Sociedade Nacional de Tipografia a cedência de quatro romances: *Um Príncipe no Exílio*, *Um Marido Ideal*, *Casamento Sem Amor* e *O Solar dos Castanheiros*. A Romano Torres opta por manter os títulos dados pela editora de *O Século* apenas para *Um Marido Ideal* e *O Solar dos Castanheiros*. Os títulos *Um Príncipe no Exílio* e *Casamento Sem Amor* não são utilizados pela editora. Para o título da obra que em folhetim fora publicada como *Um Príncipe no Exílio*, por exemplo, a Romano Torres opta por manter uma tradução literal do original francês, *John, Chauffeur Russe*.

A colecção começa verdadeiramente a tomar forma como conjunto agregador de vários escritores em torno de um género quando a editora adiciona os dois primeiros títulos de Magali, com direitos comprados em Junho de 1936 à Société d'Éditions et de Publications (Librairie Jules Tallandier), respeitante às obras *Coeur de Flamme* e *Un Mari Tombé du Ciel*. Nesse ano de 1936, em vários livros de Max du Veuzit anuncia-se a preparação de uma “nova colecção de romances sentimentais”: as Obras de Magali, iniciadas pelos livros *Uma Boneca que Tinha Coração* e *Um Marido Caído do Céu*. Antes da Colecção Azul tomar forma definitiva, passou pela agregação de duas séries: as Obras de Max du Veuzit e as Obras de Magali. O duo domina solitariamente o novo projecto de colecção, que vai ganhando corpo com novas adições nos dois anos seguintes.

Quando a colecção se abre finalmente a outras escritoras (Claire du Veuzit, Louis Derthal e Léo Dartey), em Março de 1938, a Romano Torres adquirira já os direitos sobre 19 títulos de Max du Veuzit e sobre 20 títulos de Magali. Em 1938 a já designada Colecção Azul, anunciada em vários livros da Romano Torres como a “Biblioteca ideal da família”, já integrava livros de

Max du Veuzit, Magali, Claire du Veuzit e João Amaral Júnior, preparando-se para adicionar os nomes de Louis Derthal e Léo Dartey à lista de escritores publicados. No início da década de 1940 a colecção é suplementada com obras de Françoise Roland, Saint-Ange, Claude Revol e Odette de Saint-Maurice, às quais se juntaria Leyguarda Ferreira (que, tal como os outros dois autores portugueses com títulos na colecção, foi igualmente tradutora prolífica de obras da Colecção Azul) e, posteriormente, Marianne Andrau, Alix André e Claude Jaunière. Estava formado o esqueleto autoral da Colecção Azul. Em 1942, por exemplo, já conta com cerca de 80 títulos publicados, aproximando-se da centena dois anos depois, exibindo um ritmo de crescimento muito rápido.

O êxito da colecção e, em geral, a disseminação que nessa altura conhecem as edições de várias autoras do género sentimental não passam despercebidos à crítica, mesmo àquela que as vitupera. Em 1940 escreve-se no jornal *O Diabo* que o “sucesso comercial dos livros côr de rosa – os Veuzit, os Delly, os Ardel, os Mary Love – é muitíssimo grande. Os seus ‘beneméritos’ editores auferem lucros compensadores. Espalham-se epidemicamente pelo país. Lêm-nos homens e mulheres, rapazes, raparigas e crianças. E como era de prever alguns portugueses educados na sua leitura, e que por êles apuraram o seu gosto literário, [os editores] fabricam-nos em série” (Livros côr de rosa, 1940, p. 6). A meio da década de 1940 a editora oferece uma perspectiva panorâmica da colecção aos seus leitores, na qual se veicula uma ideia de conjunto com uma identidade e com uma lógica editorial coerente. Assumindo-se interessada em “produzir romances tirados da vida real sem apresentar escabrosidades”, a editora declara que “os romances da ‘COLECÇÃO AZUL’ são livros que podem entrar em todos os lares onde o ideal da beleza e do carácter ocupa o primeiro lugar na



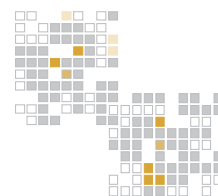
escala dos sentimentos” (publicidade em Santos, 1944, p. 97-98, maiúsculas no original).

Erguida essencialmente a partir de originais franceses provenientes, quase todos, de uma única editora – a Librairie Tallandier – ou maioritariamente negociados através dela, a Coleção Azul vê o número dos títulos que a integram engrossar, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, apesar do forte abrandamento de negócios verificado durante o conflito. É notória a perturbação exercida pelo conflito na forma como as duas editoras procedem às suas relações comerciais, com longos períodos de silêncio pela Librarie Tallandier, correspondência extraviada, atrasos na comunicação, modificações no processo de pagamento e estabelecimento de contratos de tradução, crescentemente controlados. A comunicação entre a Romano Torres e a Librairie Tallandier entra num regime de intermitência logo em 1939, sendo muito escassas as missivas que a editora francesa remete para Lisboa, passando-se muitos meses sem que a Romano Torres receba qualquer resposta às cartas que vai enviando. As poucas notícias e livros que, a partir de dado momento, chegam da e à Librairie Tallandier devem-se à acção dos próprios autores, como Max du Veuzit, com quem a Romano Torres não deixou de comunicar. Até Março de 1942 ainda se firmam contratos entre ambas as empresas. A partir daqui dá-se uma ausência de comunicação directa só retomada depois do fim da guerra na Europa. Entretanto, a aquisição de direitos de livros de certos autores começara a ser feita aos próprios, sem intermediação editorial. Se no caso de Magali a interacção desintermediada com a Romano Torres ocorre a partir de Abril de 1941, como consequência da guerra, com Max du Veuzit a relação fora encetada em meados de 1938, ainda antes da conflagração mundial.

4. Estiolamento e ocaso de uma fórmula de sucesso

O ano de 1967 é o ano terminal da edição regular de novos títulos na Coleção Azul, já então em claro declínio do seu vigor editorial. Além de *O Castelo dos Corações Perdidos*, de Magali, é publicado apenas *O Cavaleiro das Sete Ilusões*, de João Amaral Júnior. Nos dois anos anteriores (1965 e 1966) tinham sido editados igualmente apenas dois títulos em primeira edição. A colecção entra em perda evidente, perdendo força como músculo da editora, que se vai ressentindo. Contrariamente ao que se passara nas décadas de 1930, 1940 e 1950, nos anos 1960, o ritmo de primeiras edições decresce de modo contínuo: sete originais publicados em 1960, seis em 1961, sete em 1962, seis em 1963, cinco em 1964. A partir de 1968 só saem do prelo praticamente reedições, e mesmo estas com uma cadência cautelosa e circunscrita praticamente aos sucessos garantidos, quase todos de Max du Veuzit, com *John, Chauffeur Russo* à cabeça, chegando a uma espantosa décima nona edição. Em inícios dos anos 1970 esta obra, cujos direitos foram adquiridos à Librairie Tallandier em Julho de 1935 (saindo a primeira edição ainda nesse ano), já atingira o impressionante patamar de 16 edições.

Depois de uma média anual de 9,2 livros em primeira edição saídos na década de 1950, o decénio seguinte vê essa cifra cair para metade, com o valor médio de 4,6 obras novas por ano. Além disso, o lapso temporal entre a data de aquisição de direitos e a data de efectiva edição da tradução em português era cada vez mais dilatado. Os direitos de tradução e edição para a língua portuguesa do último original de Max du Veuzit adquiridos pela Romano Torres são comprados em Setembro de 1960. Em finais de 1963 formaliza-se o último contrato com a Librairie Tallandier. Em Agosto de 1966, a



Romano Torres adquire o derradeiro título a Magali. Descontando a isolada edição de *Quem Ama Vence* em 1972 (o único livro novo a integrar a colecção em todo o decénio de 1970), só na década de 1980 saem os últimos três volumes da Colecção Azul,⁶ reflexos de uma tentativa vã numa colecção que vivia então de sobras e inserções tardias e isoladas de livros. A sobrevivência da colecção nas duas últimas décadas de actividade da Romano Torres, 1970 e 1980, correspondeu na verdade a uma lenta agonia que se traduziu na prática numa prolongada fase terminal. As obras de autores desta colecção que a casa considerou primaciais, emergindo Max du Veuzit como emblema desta estratégia, foram objecto de uma manutenção de direitos até às derradeiras edições da Romano Torres, permanecendo os direitos para a língua portuguesa – incluindo o Brasil – como exclusivo da editora.

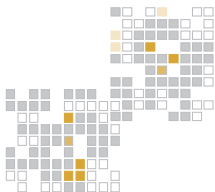
A revolução de 25 de Abril de 1974, com o seu surto de abertura e de impulso transformador em Portugal, que no domínio da edição de livros foi mesmo torrente (Maués, 2019), já pouca ou nenhuma influência teve sobre os destinos da Colecção Azul, moribunda já desde meados da década anterior. O declínio da que constituiu uma das mais longevas colecções publicadas pela Romano Torres e, seguramente, aquela que maior sucesso conheceu, marcando o panorama da edição portuguesa deste género durante cerca de um terço de século, é já iniludível ainda antes da ascensão de Marcelo Caetano ao poder, em 1968, substituindo António de Oliveira Salazar na chefia do governo português. E terá sido ditada por uma constelação de factores, dos quais não se poderá excluir um certo efeito de concorrência de dispositivos e meios de acesso ao entretenimento até então muito dominado pela oferta tipográfica, como a televisão. Também não

será de ignorar a dinâmica interna da organização da editora portuguesa, então com o seu editor como o decano dos editores portugueses, e com menor flexibilidade ou propensão para a adopção minimamente inovadora de temas, géneros, formatos e vias de promoção editorial. Sobrevém, obviamente, um feixe de outras causas explicativas da decadência – pelo menos parcialmente – da Colecção Azul como âncora da robustez financeira da Romano Torres e como valor seguro em vendas. E a editora não as ignorará, mesmo que seja possível discutir alguns dos pressupostos do diagnóstico que faz.

No discurso da Romano Torres detectam-se três ordens de razão para a crescente sucessão de atrasos na publicação de volumes em primeira edição e para o decréscimo paulatino do investimento em novos títulos para a Colecção Azul, um dos *ex-libris* da casa, até ao seu desaparecimento. Por um lado, a perda de vigor da colecção é explicada com a fragilização crescente dos negócios da editora, motivada em larga medida pela crise do livro português no Brasil e pela dificuldade de transferências de divisas a partir deste país, para pagamento de encomendas aos editores portugueses. Com os negócios com o Brasil a paralisarem, contraía-se desta maneira o mercado mais alargado em que a Romano Torres actuava, com particular acuidade no que toca aos volumes da Colecção Azul. O prejuízo financeiro para a Romano Torres resultou, segundo a editora, numa diminuição assinalável no ritmo e na profusão que vinha mantendo editorialmente até finais dos anos 1950. A dificuldade de liquidez implicou graves consequências no seu plano de edições, já que as tiragens eram pensadas contando com o mercado brasileiro.

A Romano Torres refere, por outro lado, e como uma segunda causa do pronunciado abrandamento no ritmo de publicação da

⁶ *As Brumas do Rio S. Lourenço*, de Hughes Francet, *Uma Noite em Praga*, de Paule Wittmann, e *Férias na Grécia*, de Nina Gay.



Colecção Azul, uma “crise de abundância”⁷ da literatura sentimental em Portugal, elemento que concorreria para as dificuldades de edição e para o estreitamento da procura, na medida em que na sua óptica a existência de edições em folhetim nos jornais, vendidas directamente pelos autores, não ajudaria à folga editorial de uma editora como a sua, ainda mais num mercado já pequeno e sem o Brasil como possibilidade clara de escoamento de produção. A editora deixa, aliás, de adquirir direitos de tradução e edição de textos previamente publicados em Portugal na forma de folhetim, optando definitivamente pela exclusividade da primeira edição dos livros comprados e abandonando uma fórmula de decisão estratégica de publicar a que recorrera inúmeras vezes no passado.

A terceira linha de justificação dada pela editora para o arrefecimento e depois término da Colecção Azul prende-se com a sua interpretação de transformações sociais nas práticas de leitura, nos gostos e nas inclinações do público, que o foram afastando da literatura sentimental patrocinada pela Romano Torres, que se vê

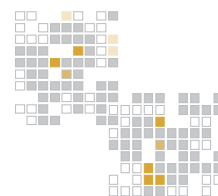
assim inserida num tempo de transição no qual parece perder algum pé. Como a editora explica a Claire du Veuzit, “[n]a vida atual, tudo mudou: os costumes, os sentimentos, os gostos, a vida em geral, tudo, tudo se transformou. [...] A literatura, o teatro, o cinema, todas as manifestações do espírito, tudo está virado do avesso!”⁸ Acrescenta que a juventude já não se sente atraída por este tipo de literatura, mas os mais velhos também não. Os leitores subsistentes deste género de literatura são “[u]m pequeno número, que por vezes tem vergonha de admitir que continua a ler estes livros!!!”⁹ O desânimo é patente, associando-se à consciência de que é necessária uma adaptação, que passa pelo fim da colecção.

Terminava, desta forma, a vida da Colecção Azul, fórmula indisputada de sucesso de vendas durante um quarto de século, que se propôs disponibilizar aos leitores da língua portuguesa histórias em que prevalecesse o que a Romano Torres denominou “o ideal da beleza e do carácter”, e que constituiu um dos conjuntos de livros que mais ficaram associados à imagem da editora.

7 Carta de 7 de Dezembro de 1962 de Carlos Bregante Torres para a Librairie Tallandier, p. 1 (Arquivo Histórico Romano Torres, Biblioteca Nacional de Portugal). Em francês no original.

8 Carta de 28 de Novembro de 1969 de Carlos Bregante Torres para Claire du Veuzit, p. 1 (Arquivo Histórico Romano Torres, Biblioteca Nacional de Portugal). Em francês no original.

9 Id., *Ibid.*, p. 1.



Referências

- BELLONI, Pedro. Prefácio. In: VEUZIT, Max du. *Meu marido*. Lisboa: João Romano Torres & C.ª – Livraria Editora, s.d. [1935], p. IX.
- COMPÈRE, Daniel. *Les romans populaires*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2011.
- CONSTANS, Ellen. *Parlez-moi d'amour: le roman sentimental*. Des romans grecs aux collections de l'an 2000. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 1999.
- DARBYSHIRE, Peter. Romancing the world: Harlequin romances, the capitalist dream, and the conquest of Europe and Asia. *Studies in Popular Culture*, v.23, n.1, p.1-10, out. 2000. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23414563>>. Acesso em: 20 mai. 2024.
- DESTIERI, Luigi. La galassia rosa: genesi e diramazioni. In: DESTIERI, Luigi; BRODESCO, Alberto; GIOVANETTI, Silvia; ZANATTA, Sara (ed.). *Una galassia rosa*. Ricerche sulla letteratura femminile di consumo. Milão: FrancoAngeli, 2009, p.9-36.
- DIXON, Jay. *The romance fiction of Mills & Boon, 1909-1990s*. Londres e Filadélfia: University College London Press, 1999.
- ESCARPIT, Robert. *La révolution du livre*. 2.ª ed. revista. Paris: Unesco, 1969.
- ESCARPIT, Robert. Succès et survie littéraires. In:___ (ed.). *Le littéraire et le social*. Éléments pour une sociologie de la littérature. Paris: Flammarion, 1970, p.129-163.
- GARCIA, Daniel. Le sentimental. In: FOUCHÉ, Pascal (ed.). *L'édition française depuis 1945*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 1998, p.196-197.
- GRESKOE, Paul. *The merchants of Venus: Inside Harlequin and the empire of romance*. Vancouver: Raincoast Books, 1996.
- KAMBLÉ, Jayashree. *Making meaning in popular romance fiction*. An epistemology. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2014.
- LETOURNEUX, Matthieu ; MOLLIER, Jean-Yves. *La Librairie Tallandier*. Histoire d'une grande maison d'édition populaire (1870-2000). Paris: Nouveau Monde, 2011.
- Livros côm de rosa. *O Diabo*, Lisboa, 28 set. 1940, p. 6.
- MARTIN, Yves-Olivier. *Histoire du roman populaire en France, de 1840 à 1980*. Paris: Albin Michel, 1980.
- MAUÉS, Flamarion. *Livros que tomam partido*. Edição e revolução em Portugal: 1968-1980. Lisboa: Edições Parsifal, 2019.
- MEDEIROS, Nuno. Formulação editorial de uma coleção de aventuras: a coleção Salgari da livraria Romano Torres. *Outros Tempos – Pesquisa em Foco*, v. 11, n.18, p.233-263, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.18817/ot.v11i18.423>>. Acesso em: 20 mai. 2024.
- MEDEIROS, Nuno. Coleção Manecas: dinâmicas de criação, consolidação e ocaso de uma série de livros para crianças. *Livro. Revista do núcleo de estudos do livro e da edição*, n.9/10, p.317-331, 2021.
- MEDEIROS, Nuno. From the publisher's authorial forge: Pseudotranslations and the invention of Oscar Vaudin and Jorge Merovell. *Portuguese Studies*, v. 39, n.1, p.50-62, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1353/port.2023.a900050>>. Acesso em: 22 mai. 2024.
- REGIS, Pamela. *A natural history of the romance novel*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2003.
- SANTOS, Pedro. *A noiva perdida*. Lisboa: Romano Torres, 1944.

Artigo enviado em 28/06/2024 e aceito em 08/10/2024.

